

UM EPÍLOGO

Inês Espada Vieira*

Um epílogo pressupõe um começo e um caminho. Porventura dois começos: o que o antecede e o que o sucederá, porque o futuro é inevitável.

Não há poemas velhos, mesmo que o pareçam. Não há esperança risível, mesmo que esmoreça. Ou sim, ou o contrário desse sim. Na poesia, tudo é possível e tudo é preciso. O mundo novo e o velho, e o renovar e o envelhecer. Ela própria e o seu contraste – a poesia, a vida – que é hoje e é futuro, que é completa e imperfeita.

Um epílogo pressupõe um começo e um caminho. Porventura dois caminhos: esse de começar e aquele de acabar. Pés férteis e versos firmes na terra. São os pés que constroem os caminhos, são os versos que os fecundam, é a terra que lhes dá o colo, o som e o sonho e o sinal da Vida que se reescreve, dos versos que se renovam.

Não havia pés neste epílogo que também é prelúdio, mas tivemos de os colocar lá, para que a Vida possa fazer-se, possa dançar-se, possa multiplicar-se, alegre e aflita, como epílogo e como prelúdio, caminho de poemas velhos que concebem novos, num mundo ansiosamente esperado e construído. Uma e outra vez, perfeita a vida, perfeitos os versos – aos olhos dos seus pais.

O epílogo é preparado pelo artigo indefinido, que afinal o determina concreto. Este epílogo é o momento da passagem, desses versos que parecem velhos, por essa esperança que se diz risível, para esse sinal de nova gravidez, ao novo mundo concebido em versos, guardados por olhos maternais.

* Professora auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Doutorada em Estudos de Cultura, investiga sobre Cultura e Conflito, Cultura Espanhola, relações entre intelectuais portugueses e espanhóis (século XX). É tradutora da língua espanhola e autora de *Intelectuais, modernidade e memória* (2012).